

PO_ÉTICA DAS MERMAZÁRIAS

Francisco Rômulo do Nascimento Silva¹

RESUMO

Po_ética das Mermazárias é uma relação de cuidado, desprendimento e do em-comum. São três pontas de uma espiral-encruzilhada do “agora”: passagens e travessias; opacidade e transparência; salto e invenção. Neste texto costuro uma escrita-acontecimento da pesquisa que vem sendo realizada junto às *poetas-mediadoras-de-leituras* que fazem parte das bibliotecas de iniciativa popular de Fortaleza (CE), especificamente, o Movimento Biblioteca Na'zária. Poetas de Lugar Nenhum e de todos os Lugares. Nessa zona existencial cada pessoa é abertura, raiz que se estende a outras raízes.

Palavras-chaves: Po_ética das Mermazárias. Mediação-de-Leituras. Bibliotecas de Iniciativa Popular. Saraus de Periferias. Fronteirizações.

*

“Que todos vivam o grande conclave que é a Terra.
O grande conselho que é a Terra”.

- “Orí”,

Beatriz Nascimento (1989).

¹ Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UECE), pesquisador do Laboratório de Estudos sobre a Conflitualidade e Violência (COVIO), da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e pesquisador-colaborador do Laboratório de Arte Contemporânea (LAC), da Universidade Federal do Ceará (UFC) e também pesquisador do Laboratório de Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR/UFC). E-mail: franromulosilva@gmail.com

“Para o povo colonizado, o valor mais essencial, porque mais concreto, é a terra: a terra deve garantir o pão e, é claro, a dignidade. Mas essa dignidade não tem nada a ver com a dignidade da ‘pessoa humana’. Dessa pessoa humana ideal, ele nunca ouviu falar”.

– “Os condenados da Terra”,
Frantz Fanon (2005).

A *po_ética*² das *mermazárea* inventa-se a um-só-tempo como múltipla e una, desordenada e imprevisível. Por excelência, as *mermazárea* é a Terra, é a questão da Terra. É uma condição indistinta e opaca, logo, diversa entre humanos e mais-que-humanos. É a *po_ética* do Vivente. Jamais relativa, passiva e indiferente, ela acontece e se nutre do encontro, a confluência do tudo e do Todo na radicalidade que é a transmutação, a invenção reimaginada dos mundos possíveis já existentes. Porque é impossível sair ileso de um encontro. É, deve-se dizer, atravessar fronteiras, destruir os mitos [todos eles], caminhar no fio-da-navalha, abraçar o imprevisível e aceitar o erro. A *po_ética* das *mermazária* é uma epifania ecumênica dos caminhantes que se materializa na festa regada a poesia, literaturas, abraços de um devir-ilimitado dos saraus de periferias e das bibliotecas-livres, comunitárias e de iniciativa popular³. Poetas de Lugar Nenhum e de todos os Lugares. Nessa zona existencial cada pessoa é abertura, raiz que se estende a outras raízes.

2 Neologismo com as palavras “poetics” e “ethics”, formando “poethics”. Noção utilizada por Denise Ferreira da Silva em “Corruption Everybody Knows” disponível em <<http://www.e-flux.com/program/64755/corruption-every-body-knows/>>, com curadoria de Natasha Ginwala, como parte do programa E-Flux-Su-percommunity da 56ª Bienal de Veneza, realizada em 2015. Acesso em 16 de junho 2021, às 14h52. Uso o *underline* (_), também conhecido por *underscore* ou subtraço, não somente como um símbolo gráfico usado como sinal de separação de palavras - principalmente em comunicações informáticas onde o espaço não é interpretado como uma informação válida -, mas, pelo contrário, para evocar uma poética da Relação (GLISSANT, 2011), os rastros-vestígios da memória, a raiz-aberta e subterrânea, assim como para sublinhar não somente a preciosidade da teoria da diferença, mas confluir na textura da trama que é a própria Relação; a semelhança de um hiperlink que nos leva não apenas para as mil passagens das possibilidades Transparentes na Era Computacional, mas sobretudo nos convida a consentir com o “direito à opacidade”: “subsistência numa singularidade não redutível” (idem, p. 180).

3 Daqui em diante irei usar apenas “bibliotecas de iniciativa popular”. Tratarei brevemente de descrever algumas zonas de vizinhanças transparentes e opacas entre elas no estado do Ceará, em especial, na cidade de Fortaleza a partir de contatos com falas e conversações com Talles Azigon e Profa Dra. Claudiana Alencar (UECE). Bibliotecas de Iniciativa Popular, noção pensada para e com o Encontro de Bibliotecas Comunitárias pela Profa Claudiana Alencar e poeta e mediador de leituras Talles Azigon, lugar criado por uma pessoa ou um grupo de pessoas, um coletivo ou uma iniciativa popular, elas, as bibliotecas de iniciativa popular, se distingue de algumas bibliotecas comunitárias pelo fato de não possuir CNPJ, logo, não está associada a uma instituição, seja ela político-partidária, igreja, ONG, associação comunitária e etc. As bibliotecas de iniciativa popular nascem do desejo e da dimensão política não exclusivamente visando apenas o acesso ao objeto livro disponível para a comunidade [ainda que consideremos esse objeto ser muito caro quando comparado ao custo de vida dessas pessoas], mas principalmente, objetivando a experiência da leitura da palavra traduzida pela leitura-mundo de cada pessoa e somada pelo emaranhamento de encontros que esses espaços possibilitam. Ou seja, talvez a principal diferença entre elas e as bibliotecas comunitárias seja o fato de não atender exclusivamente critérios institucionais para demandas de financiadores, seja público ou privado.

Enquanto a lógica da filiação opera violentamente na exclusão absoluta do “Outro”, na tentativa de legitimação enraizadora e conquistadora, a extensão, por sua vez, “tece-se” na relação imaginando outra poética da existência. Um elogio à circularidade, à transversalidade e ao inesgotável emaranhamento dos afetos, ou seja, distribuir-se no espaço aberto e indefinido (GLISSANT, 2011). Mais que ato de sobrevivência, a vida habita e prolonga-se no movimento circular, na travessia tática e nas espirais-encruzilhadas.

A poética da extensão é para as *poetas-mediadoras-de-leituras* uma *poética das mermazárea*, em outras palavras, “uma relação de cuidado mútuo, solidariedade e desprendimento” (NASCIMENTO SILVA, 2019, p. 174), trata-se de reimaginar modos de relação espiralar de cuidado mútuo com tudo e com o Todo vivo a partir da redistribuição da *palavra, da memória e da escuta*.

dar caminho

uma árvore sozinha
enfeitando os desertos
quadrados e sem-raízes.

seguro caneta na boca
como quem segura-se no cachimbo.
Sou [da] fumaça.

cruzo os punhos nas costas e ando.
Caminhante, não boêmio.
Tô chegando e já vou saindo.

o doce cheiro do limão corresponde ao sabor
das breves manhãs e das tardes
que nunca têm fim.

agarrado às bordas dos muros da irracionalidade,
a rua habita em mim.
Sou [da] rua.

sendo-encruzilhada
 observo, aprendo.
 Masco teus silêncios e cuspo tuas palavras.

não-durmo
 finjo que cochilo.

um banco pequeno de madeira
 e uma janela do imprevisível
 dali ouço teu canto
 e fumo tuas lágrimas.

Porque minha palavra é uma navalha de cura,
 e meus ouvidos oceanos de novos caminhos.

anoiteceu.
 ainda bem,
 ainda bem.

A *po_ética* da extensão transpõe fronteiras da morte [que é o colonialismo] para se fazer existentes do “lado de lá” da vida, da alteridade em deslocamento [a poeta é uma errante no caminho]. Isto é, por meio da invenção de zonas de existências⁴, lugares marcados pelo encontro como os que acontecem nos saraus das periferias e bibliotecas de iniciativa popular da cidade de Fortaleza e outras cidades dos interiores do Ceará; práticas por si só de subversão das assimetrias do poder que são as relações coloniais de dominação inscritas nos corpos marcados e criminalizados (FANON, 2005). O imprevisível que floresce a todo-instante em zonas áridas e vigiadas por todos-os-lados: a poesia nos saraus, nos cambão e nas

4 A questão da Terra, no Mundo Moderno, não somente se ver confrontada com a lógica da raça e suas infinitas dobras, mas nela se reedita enquanto máquina-brutalista e se alimenta como invenção-destruidora de tudo que é vivo e vivente. Enquanto nomos da Terra, atualiza-se o problema da distribuição da terra (questão *quid juris?* Como distribuir a terra ou o solo e a quem pertence a terra?) A um-só-tempo, a possibilidade da Declosão-do-Mundo, para citar Jean-Luc Nancy (2016, p. 293), trata-se da “desmontagem e desajuntamento dos encerramentos, das cercas, das clausuras. Desconstrução da propriedade - a do homem e a do mundo”. Em seu mais recente trabalho, Achille Mbembe (2020), afirma que a grande questão do século XXI, juntamente com as mudanças climáticas, é a governança da mobilidade das pessoas em escala global, somadas ao capitalismo-absoluto, a intensificação da velocidade da vida cotidiana por meio do que ele chama de “era computacional” ou “era do Brutalismo” estão levando a aceleração e densificação das conexões cada vez mais complexas. Segundo o autor, essas infinitas conexões criam redes e trocas de todos os tipos inimagináveis.

bibliotecas de iniciativa popular como mediação-de-leituras não apenas da palavra, mas da leitura de Todo-o-Mundo são sementes lançadas “onde um autêntico ressurgimento pode acontecer” (FANON, 2008, p. 26).

Trabalhando com as noções de “rastros-vestígios”, “extensão, filiação” de Édouard Glissant (2005, 2011, 2014), a radicalidade da *performance* preta fugitiva (HARNEY & MOTEN, 2013; FANON, 2005), os conceitos de “quilombo” como “*continuum*” e *mermazária* em um pensamento atmosférico da liberdade, do em-comum e da imaginação (BEATRIZ NASCIMENTO, 2018 e 2021; NASCIMENTO SILVA, 2019), este texto encruzilha, por meio de uma escrita-acontecimento, as artes com os fazeres de um devir-poeta-mediadora-de-leituras no meio de uma sociologia que se faz canto e vôo nas grafias de um território movente de criação de um ‘em-comum’.

BIBLIOTECA NA’ZÁRIA: aquilombamento-criador

“Estar-junto” é compactuar da mesma ideia. Não estamos em todos os lugares, mas estamos lutando por uma causa só. “Estar-junto” por uma causa única: pela vida, arte e transformação. Imagino, por exemplo, que sarau não tem lugar, o que importa é o encontro.

- *Elane Fidelis, no II Encontro de Saraus do Ceará - Diário de Campo em 28 de julho de 2018.*

O massa porque a gente consegue de certo ponto acabar com a segregação com esse tipo de arte, tá ligado? Porque tem canto que é facção tal, é facção tal que “ah, não pode vir pra cá porque aqui é isso e aí no teu é isso, tá ligado?” E aí, quando a gente já através da arte que a gente já faz o sarau e a gente já chega pra dialogar com a criminalidade, a criminalidade já começa a pegar uma visão de tipo de entender que o cara que ele mora em outra favela, *por mais que seja diferente, ele também é favela*, tá ligado?! E é onde vem a expressão “mermazária”. O favelado, tá ligado?! A gente tem que entender, mã, que a gente é tudo “mermazária”.

Que a favela, não importa onde ela seja, ela vai ser só um lugar diferente de pessoas diferentes. Mas as condições e as vivências, as experiências, sofrimentos vão ser os mesmos, tá ligado?!

- *Victor Oliveira, artista de rua e poeta de busão, entrevista em 09 de outubro de 2018*

Na capital cearense existe o que denomino Rede de Afetos (NASCIMENTO SILVA, 2019). Trata-se de uma poética da Relação que habita encruzilhadas e zonas existenciais, um emaranhado de *práticas de re-existências poéticas*⁵ em constante movimento, sem começo e fim, tecida entre “becos” e asfaltos pelas inventividades das poetas nos encontros-saraus e por meio da poesia no “busão”⁶. Uma quebrada se reconhece em outras, é tudo *mermazária*: “*por mais que seja diferente, ele também é favela*”.

As principais titulares, em sua maioria, são jovens entre 15 e 29 anos, moradoras e moradores de periferias e favelas de Fortaleza (CE) e região metropolitana, algumas também integrantes de inúmeros coletivos e coletividades, projetos e iniciativas diversas: saraus, bailes de *reggae*, batalhas de *MCs*, *slams*, projetos musicais, de dança, teatro, residências artísticas e rolezinhos que resistem e *re-existem* nos dias de destruição.

Rede de Afetos são práticas de resistência e de re-existência que objetivam reimaginar *coletivamente* outras formas de vida. Para além dos encontros-saraus de periferias e da poesia no “busão”, a Rede de Afetos estende-se na ação poética e política de moradores e moradoras de comunidades localizadas em periferias e favelas, assim como das e dos *poetas-mediadores-de-leitura*⁷ que reinventam projetos de incentivo e fomento à leitura por meio da organização e construção coletiva de bibliotecas livres, comunitárias e de iniciativa popular, recebimento de doações de livros e atividades de “leituramundo” e de “Todo-o-Mundo”

5 Para “re-existências”, conf.: NASCIMENTO SILVA, 2019; MACIEL, ALENCAR e SOUSA, 2018; SOUZA, 2009.

6 Expressão local para ônibus ou transporte coletivo. Para saber mais sobre a poesia de cambão conferir SILVA & FREITAS. Práticas de re-existências poéticas: a poesia no “busão” em Fortaleza (CE). INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 22 n. 1, p. 97-123, mai. 2020. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/51166>> Acesso em 15 de abril de 2022, às 00h11min. Para acompanhar as publicações diárias de alguns poetas de cambão nas redes sociais acessar no Instagram “Rimadores de Busão” (@rimadoresdebusao) e “Poesia Viva” de Chris Rodrigues (@_poesiaviva).

7 A extensão sarau-de-periferia-biblioteca-comunitária-e-livre e o seu inverso é uma das poéticas da relação, da circularidade, da travessia e da re-existência inventiva no cotidiano não somente na cidade de Fortaleza, mas em outros municípios localizados no Estado do Ceará, como por exemplo, Maracanaú, Caucaia, Maranguape e Sobral.

(FREIRE, 2006; FREIRE & MACEDO, 2021; GLISSANT, 2014) prioritariamente com e para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos moradores de favelas e periferias da capital cearense.

A semelhança dos encontros-saraus, as bibliotecas de iniciativa popular são organismos vivos que existem mais por meio da *poética da extensão* e menos por meio da imposição enraizadora da *filiação*. A poética da extensão, neste sentido, é a poética do Diverso, do *compartilhamento*, da circularidade e da travessia (GLISSANT, 2005; 2011; GILROY, 2012). Ela tece-se numa outra poética do inesgotável, da transversalidade, da “quantidade que não se realiza”, conforme Glissant (2011, p. 63). A poética da extensão é para as *poetas-mediadoras-de-leituras* uma *poética das mermazárea*, mais que uma tática de sobrevivência, trata-se de reimaginar modos de relação espiralar de cuidado mútuo com tudo e com o Todo vivente [humanos e mais-que-humanos].

Os encontros-saraus possuem outras temporalidades que inventam espaços, embora possuam certa periodicidade e espacialidade, quando comparado ao caráter fixo, porém inventivo, das casas-bibliotecas de iniciativa popular. Saraus de periferias acontecem nas bibliotecas de iniciativa popular e essas bibliotecas habitam os encontros-saraus, uma raiz estende-se a outras infinitamente. Ao mesmo tempo que ambos são lugares da palavra aberta, da memória da carne e do tato no encontro, ambas afastam-se do pensamento do Uno, isto é, da imposição enraizadora e conquistadora da filiação, o sistema da “generalização de fundamento ontológico” que é, portanto, a exclusão absoluta do Outro. A poética da extensão, conforme Glissant (2011, p. 63), portanto, “não é apenas espaço, é também o seu próprio tempo sonhado”, ou seja, é o que nos falta no mundo.

Em outras palavras, podemos identificar as bibliotecas de iniciativa popular como patrimônios material e imaterial que circulam, isto é, espaços de *compartilhamentos* não somente de livros, mas da palavra, da memória e do encontro [a experiência conta mais que o acervo]. As bibliotecas de iniciativa popular doam e redistribuem livros em lugares e para existências em que a presença física do livro é rara. Por receberem diferentes doações voluntárias de livros, brinquedos, materiais de escritório e higiene pessoal e etc., concorrem e, por vezes, aprovam pequenos projetos em editais públicos. À semelhança dos sarais de periferias e da poesia-no-cambão,

as bibliotecas de iniciativa popular são organismos vivos que existem mais por meio da partilha e da relação de cuidado a favor da vida.

Durante o isolamento social (2020 e 2021), ainda que de forma remota e mais recentemente semipresencial e presencial, algumas bibliotecas nos últimos dois anos foram obrigadas a fechar as portas e outras a se reinventar conforme cada realidade, respeitando os decretos locais e protocolos recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em combate à pandemia da COVID-19⁸.

As *poetas-mediadoras-de-leituras*, diante das inumeráveis arquiteturas de isolamentos [lógicas do recinto-fechado] que se reeditam no trânsito perpétuo entre o desejo de explorar e a tentação de eliminar preferencialmente corpos-pretos e favelados, durante o isolamento social enfrentaram inúmeras dificuldades. Além dos diferentes relatos de desemprego, escassez de comida e múltiplos adoecimentos, durante o isolamento social rígido [*lockdown*], alguns saraus de periferias passaram a acontecer ao vivo pelo *Instagram*, assim como algumas bibliotecas de iniciativa popular passaram a realizar mediações-de-leituras por meio das redes sociais da *internet*.

Nos últimos meses, resultado de lutas e organização popular, inicialmente o Movimento Biblioteca Urgente⁹ se articulou como rede integrando aproximadamente doze bibliotecas de iniciativa popular de Fortaleza inicialmente com o objetivo de lutar pela inclusão de fomentos para bibliotecas de iniciativa popular no Plano Plurianual (PPA) de Fortaleza¹⁰. Resultado da abertura para o diálogo com instituições e diferentes representantes do poder público, o Movimento Biblioteca Urgente não é filiado a nenhuma bandeira político-partidária, pelo contrário, as bibliotecas de iniciativa popular têm como princípios da autogestão e da autonomia junto às comunidades onde estão plantadas. Suas raízes são práticas que se estendem para além das fronteiras de onde estão situadas geograficamente. Expressões não apenas das necessidades básicas como alimentação e incentivo em arte e cultura, as bibliotecas de iniciativa popular expressam os modos de vida particulares e em-comum

8 Sobre os limites e desafios da Lei Aldir Blanc (LAB), política de emergência à cultura no contexto pandêmico, conferir SEMENSATO, C. A. G & BARBALHO, A. "A Lei Aldir Blanc como política de emergência à cultura e como estímulo ao SNC". *POLÍTICAS CULTURAIS EM REVISTA*, v. 14, p. 85-108, 2021. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/42565>> Acesso em 19 de maio de 2022, às 13h38min.

9 Para apoiar e saber mais como tem sido a luta do Movimento Biblioteca Urgente, siga o perfil [@bibliotecanazaria](https://www.instagram.com/bibliotecanazaria), no Instagram.

10 Instrumento estabelecido pela Constituição Federal de 1988, o PPA é o planejamento que determina, de forma regionalizada, as diretrizes, objetivos e metas da administração pública estadual para as despesas de Capital e para relativas aos programas de duração continuada.

às margens e nas brechas dos complexos de equipamentos culturais e turísticos da cidade de Fortaleza (CE).

O Movimento Biblioteca-Urgente estende-se a toda Cidade, seja por meio das programações abertas e gratuitas, seja pelo apoio e participação não apenas das poetisas-mediadoras-de-leituras, mas também de intelectuais, artistas, produtores e escritoras, lideranças comunitárias que direta ou indiretamente unem-se na luta pela continuidade e fortalecimento das práticas de incentivo e fomento à arte, cultura e leitura por meio da organização, construção coletiva de bibliotecas de iniciativa popular, recebimento de doações diversas, além da livre circulação de livros e promoção de atividades que envolvem clubes de leituras, esportes, artes e entretenimento prioritariamente voltadas para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos das comunidades.

Meses antes do fechamento do orçamento plurianual de Fortaleza, parte das/os poetisas-mediadoras-de-leituras, juntamente com outros integrantes na luta do movimento, mantiveram diálogos com vereadores das diferentes ideologias e siglas partidárias na intenção de que os parlamentares apoiassem na câmara a inclusão das demandas das doze bibliotecas de iniciativa popular no orçamento, entretanto, não houve êxito.

Em reunião, sem a presença de representantes do movimento Biblioteca Urgente, decidiram não aprovar a inclusão para o PPA¹¹ sob justificativa, dentre outras coisas, da inexistência de uma instituição que pudesse executar o recurso [embora o movimento já tivesse sinalizado a existência da instituição parceira, no caso, a Organização Social O Pequeno Nazareno¹²], posteriormente, aprovaram emenda parlamentar coletiva no valor de 750 mil reais por meio da Lei Orçamentária Anual (LOA)¹³ a ser executada pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR). No entanto, embora aprovada e dependendo apenas do repasse do recurso, até o presente momento [desde março deste ano], o movimento não obteve

11 Segundo Portal da Transparência de Fortaleza (<https://transparencia.fortaleza.ce.gov.br/>), com o valor gasto com PMPU (Torres de Vigilância Comunitária) em 2019 que foi de R\$ 10,3 milhões. Com esse valor seria possível implantar 171 Bibliotecas de Iniciativa Popular, ou seja, quatro por território (bairro/comunidade) de Fortaleza ou seria possível manter as 12 bibliotecas por 14 anos. Com o valor gasto com PMPU em 2020 (R\$ 4,9 milhões), seria possível implantar, aproximadamente, 82 Bibliotecas de Iniciativa Popular, ou seja, duas por território ou seria possível manter as 12 bibliotecas por sete anos. Já o valor gasto em um mês para compra de 100 pistolas para a Guarda Municipal foi de R\$ 588.087,00 enquanto o custo anual por biblioteca seria de R\$ 60.000,00.

12 O Pequeno Nazareno possui uma plataforma multidisciplinar de atendimento nas áreas de Educação (Educação Social de Rua, Educação Profissionalizante), Assistência Social (Acolhimento Institucional e Apoio Psicossocial às Famílias) e Direitos Humanos (Sensibilização e mobilização social). Para apoiar e conhecer mais, acessar <<https://www.opequenonazareno.org.br/>> Acesso em 20 de maio de 2022, às 09h33min.

13 Disponível em <<https://transparencia.fortaleza.ce.gov.br/index.php/orcamento/loa>> Acesso em 20 de abril de 2022, às 09h53min.

nenhuma resposta do atual Secretário de Cultura do Município, Elpídio Nogueira Moreira (PDT)¹⁴.

Biblioteca Naz'área se estende nas e pelas singularidades infinitas e em-comum das seguintes Bibliotecas de Iniciativa Popular: Adianto - Barra do Ceará; Casa Futuro - Coaçu; Cia Bate Palmas - Conjunto Palmeiras; Coisa de Preto - José Walter; Filó - Santa Filomena; Livro Livre Curió - Curió; Okupação - Antônio Bezerra; Papoco de Idéias - Pici; Periferia que Lê - Bom Jardim; Quintal Cultural - Bom Jardim; Viva Barroso - Barroso e Viva a Palavra - Serrinha.

Um dos objetivos principais das bibliotecas de iniciativa popular é inventar não somente uma *relação* com os livros e leitores (inclusive, frequentadores do espaço) não mediada pela vigilância dos cadastros, da catalogação, dos prazos de renovação e devolução; assim como não somente sobre a quantidade de livros que podem circular por vez, mas mais que um espaço físico, trata-se da *mediação-de-leitura da Palavra-de-Todo-o-Mundo* (FREIRE, 2006; GLISSANT, 2014). As infinitas práticas de mediação-de-leituras aqui experimentadas objetivam inventar relações com e a partir das comunidades em que estão situadas e, por sua vez, com toda a Cidade, de modo à reimaginar por meio das poéticas que as constituem, outras formas ou modos de fazer política com e a partir de onde estão fincados os pés, mãos e rostos das entidades-hifenizadas desse acontecimento, as poetisas-mediadoras-de-leituras: mulheres cis e trans em sua maioria pretas [negras e pardas] e/ou descendentes de populações indígenas¹⁵.

Dentre as inumeráveis linhas que compõem esse emaranhado afetivo e comunitário, como por exemplo, rodas de conversa, capoeira, jogos digitais, serviço de manicure, oficinas de música, curso de desenho, oficinas de fanzines, intervenções urbanas, dentre outras, algumas bibliotecas e saraus de periferias, por exemplo, possuem estantes, caixas e até geladeiras-estantes totalmente abertas com livros para circulação. São práticas não de "abandono" ou "restos", mas de fomento da *livre circulação* de livros novos e usados em condições de uso mediada pela *po_ética* do

14 Secretário de Cultura de Fortaleza, Elpídio Nogueira Moreira é natural de Acopiara, Região Centro-sul do estado do Ceará. Contou com base eleitoral em algumas igrejas evangélicas dentre outras coisas, foi diretor do Hospital Gonzaguinha da Barra do Ceará. É irmão de José Sarto Nogueira Moreira, atual Prefeito do Município de Fortaleza, eleito em 2020.

15 No Estado do Ceará são 14 os povos indígenas, espalhados por 18 municípios, que fortalecem esse legado de resistência. Anacé, Gavião, Jenipapo-Kanindé, Kalabaça, Kanindé, Kariri, Pitaguary, Potiguara, Tapeba, Tabajara, Tapuia-Kariri, Tremembé, Tubiba-Tapua e Tupinambá. Em 2018, surgiu um povo chamado Jaguaribara, apelidado de "Karão", por conta do cacique deles. Eles estão ali perto dos Kanindé, maciço de Baturité.

Aberto, da Palavra e do Comum. Não obstante, a própria biblioteca-livre circula em uma *bike*, é o caso da experiência em mediação-de-leituras que acontece na cidade de Sobral com a poeta-mediadora-de-leituras Fran Nascimento:

[...] para além dos livros, a biblioteca-ambulante tem uma parte com mediação-de-leituras aí, tal hora, quem não tá afim de ler ou de pegar nos livros, tem uma parte lá que a gente bota também pra galera que quer desenhar, e tal hora, usamos instrumentos musicais [...] e tal hora a gente leva uma experiência científica também [...] então, a experiência com a biblioteca-ambulante ela parte de um campo literário também, que aí eu não consigo te precisar exatamente quais são os livros que a gente tem lá um a um, mas ela parte também para um campo sensorial também. Então, eu acho que é isso, acho que a minha experiência que eu tenho com a biblioteca-ambulante parte disso também. Eu acho que além da experiência da leitura em si, que a gente busca incentivar com a biblioteca [...] a biblioteca-ambulante tem esse foco, acho que reavivou agora em 2021, que é o lance da gente [...] criar esses pontos de leitura, assim como a gente já criou alguns aqui na cidade, né, em bairros distintos. O lance é esse assim, desse incentivo à leitura. A biblioteca-ambulante é uma extensão da única biblioteca comunitária da Cidade e ela surge desse contato com o chão, lendo os livros, quem quiser criar cria seus desenhos, toca seus instrumentos. Ela surge para romper com esse lugar estático, romper essas paredes, ela está em todo canto. (PODCAST BIBLIOTECAS-CAROLINAS, “Fran Nascimento e Nina Rizzi”. Primeira Temporada, 2ª edição, 2021)¹⁶

Por serem lugares de partilha não somente de livros, mas sim da palavra-praticada, escrita, lida ou relatada, mediada principalmente pela experiência particular de determinados territórios que têm o em-comum como prática e invenção cotidiana, esses espaços são construídos com tijolos e argamassa em comunidade, práticas fruto das formas de existências que diferem das lógicas do verticalismo autoritário e da fragilidade das políticas públicas no campo da arte, cultura, assim como das políticas do livro e da leitura no Brasil.

A *po_ética das mermazária* é, nesse sentido, um acontecimento que possibilita ler mais que um livro ou uma imagem, ela nos convida a escrever com nossas próprias mãos, pés e rosto a nossa história re-imaginando possíveis por meio da luta cotidiana e coletiva. A semelhança, e como uma espécie de extensão dos saraus de periferias, as bibliotecas de iniciativa popular possuem certa espontaneidade, criam ordenações múltiplas e relações possíveis entre os participantes e a própria comunidade.

16 A série de podcasts Bibliotecas-Carolinas seguidas de cartas-diários e oficinas de zines-coletivas são mediações-de-leituras com e das poetas-mediadoras-de-leituras da cidade de Fortaleza e outras cidades dos interiores do Ceará. O episódio completo pode ser acessado no seguinte endereço no spotify : <https://open.spotify.com/episode/0IAMdOAtzx_cBOSeg5Cm8nL?si=FK6DXTJIRmWqj6QZacD-Qg&utm_source=&nd=>> Acesso em 21 de maio de 2022, às 21h47min.

Reivindicam uma existência respirável contrária a toda lógica que nos asfixia há séculos.

Não apenas como mediação-de-leituras da expressão oral e escrita - a literatura -, defendo que a *po_ética das mermazária* são três pontas de uma espiral-encruzilhada do “agora”: *passagens e travessias; opacidade e transparência; salto e invenção*. O princípio comum às três pontas consiste em “erguer uma ponte”, inventar estruturas de escuta não como um em-si ou clausura sobre si mesmo, mas como um favorecimento à extensão em detrimento da compreensão/profundidade; uma *Relação à Escuta*¹⁷.

Em outras palavras, esta produção e mediação poética e literária acontecem sob e à revelia da violência-total do Mundo-Branco. Constituído por suas infinitas clausuras, erguem-se por todos os lados torres de vigilância, multiplicam-se as insígnias inscritas nos muros da mente e da carne da Cidade; o Mundo-Branco é um emaranhado de forças que consagram, celebram e legitimam os conclaves, as hierarquias, as identidades-fechadas. Em outras palavras, trata-se do mundo-transparente e ordenado pelos *pilares ontoepistemológicos* que sustentam as matrizes desse mundo que nos foi dado a conhecer, conforme Denise Ferreira da Silva (2019)¹⁸.

Esta forma de vida que decodifica, seleciona e hierarquiza existências como racializadas, marginalizadas sócio-economicamente, dissidentes de gênero e sexualidade, feridas e mortas é não somente denunciada e subvertida pelas poetas-mediadoras-de-leituras por meio da escrita e da oralidade performatizadas. A partir das diferentes formas de travessias, habitação e invenção de zonas existenciais imageadas nos sarau-de-periferias e nas bibliotecas de iniciativa popular, essas identidades-abertas e perecíveis, ora transmutam-se ora fixam-se, reinventando-se e reinventando os diferentes espaços na cidade de Fortaleza (CE).

Aquilombamento-criador, conforme Glissant (2011, p. 74), tem como base o pensamento do “rastros-vestígio”, ele também é resultado dos aquilombamentos-históricos ou de um “*continuum*” de acordo com Beatriz Nascimento (2018): múltiplas práticas poéticas que começaram a fundar um *continuum*¹⁹. Semelhantemente, a poética de Conceição Evaristo (2017,

17 Participei de uma breve entrevista para o jornal O POVO abordando essa noção. “Estruturas de escuta são invenções cotidianas de insubmissão”, defende Rômulo Silva”. Disponível em <<https://mais.opovo.com.br/jornal/pause/2021/05/30/estruturas-de-escuta-sao-invencoes-cotidianas-de-insubmissao---defende-romulo-silva.html>> Acesso em 21 de abril de 2022, às 22h20min.

18 Para “Mundo Ordenado” pelos pilares ontoepistemológicos e Mundo Implicado, conf.: Denise Ferreira da Silva (2019).

19 “[...] A nós não nos cabe valorizar a história. A nós cabe ver o continuum dessa história. Porque Zumbi queria fazer a nação brasileira, já com índios e negros integrados dentro dele. Ele queria empreender um projeto nacional de uma forma traumática. Mas não tão traumática quanto os ocidentais fizeram, destruindo culturas, destruindo a história dos

p. 24-25) nos convida a pensar com e a partir das poetisas-mediadoras-de-leituras esse *continuum*, esse “rastros-vestígio” das “Vozes-Mulheres”:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

A *po_ética das mermazárias* como palavra-praticada, incorporada, imageada e transmutada em canto ecoa à margem do Estado e suas instituições, arquiteturas moderno-colonial-patriarcal-capitalistas, para além das fortificações que amarram a política e a crítica na arquitetura colonial do tempo presente, tempo linear e de repetição da engrenagem necropolítica das ficções de poder que cerceiam as vozes da periferia.

ÁRVORES DE CONCRETO E AÇO: entre a assimilação e a aniquilação

No mesmo ano, isto é, em 2020, conforme previsto, tivemos eleições para prefeitura de Fortaleza e em outras cidades do Brasil. Apoiado pelo ex-governador Camilo Santana (PT) e outras filiações, Sarto Nogueira (PDT) foi eleito prefeito de Fortaleza para os próximos quatro anos. Em segundo turno, obteve 51,69% dos votos válidos e derrotou o candidato apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) em Fortaleza, Capitão Wagner, que teve 48,31% dos votos válidos. Importante observar o desempenho de cada candidato e a diferença entre eles. Mas não somente.

Para o primeiro mandato, Sarto e seu vice, Élcio Batista (PSB), dentre outras coisas, prometeram *ampliar e dar continuidade à implantação de novas Torres de Segurança da Guarda Municipal*²⁰. A instalação de Células de Observação Comunitária e o patrulhamento ostensivo do Grupo de Operações Especiais (GOE), somados ao apoio da Polícia Militar do Ceará, integram o Plano Municipal de Proteção Urbana (PMPU) nas diferentes periferias e favelas de Fortaleza, capital do estado do Ceará.

Idealizado pelo ex vice-prefeito Moroni Bing Torgan (DEM), o PMPU foi lançado com a instalação da primeira torre no início do segundo semestre

20 Na série fotopoética "A Cidade e a Lama", o fotógrafo e escritor Leo Silva imageou, dentre outras coisas da Cidade, uma das Torres de Vigilância Comunitária (PMPU). Série disponível em <<https://www.behance.net/gallery/118137941/A-Cidade-e-a-Lama-Serie-Fotografica-em-processo>> Acesso em 02 de abril de 2022, às 11h50min.

de 2017, no bairro Conjunto São Cristóvão (Grande Jangurussu), na calçada do Cuca Jangurussu – um dos equipamentos de arte, cultura e esporte para as juventudes²¹. Por sua vez, o atual vice-prefeito eleito, sociólogo (UFC) e ex-chefe de gabinete do ex-governador, Élcio Batista, antes de ocupar o alto escalão do Executivo Estadual e Municipal, foi secretário-executivo de Segurança Pública e assessor de planejamento do Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC). Inclusive, no primeiro mandato do prefeito Roberto Cláudio (PDT), ocupou o cargo de secretário da Juventude de Fortaleza.

À época, às vésperas da inauguração da primeira Torre de Vigilância em 2017, a Defensoria Pública do Estado (DPCE) foi mobilizada após articulação de coletivos de juventudes do Grande Jangurussu, publicações da grande mídia e compartilhamentos de nota pública nas redes sociais denunciando as recorrentes violações da Guarda Municipal (inclusive, as equipes que faziam a guarda patrimonial da própria Rede Cuca), por policiais militares, dos direitos de civis na região e questionando a legitimidade do PMPU, mobilizou a Defensoria Pública do Estado do Ceará (DPCE).

Conforme SILVA & FREITAS (2018), no dia 28 de dezembro de 2017, a Defensoria protocolou ofício solicitando à Prefeitura de Fortaleza esclarecimentos sobre o possível treinamento feito pela Polícia Federal dos homens da Guarda Municipal de Fortaleza com o objetivo de uso de arma de fogo de alta precisão. Essa atividade, em particular, seria desenvolvida nas periferias nas denominadas “torres de vigilância.” Curiosamente, a primeira Torre de Segurança foi instalada na esquina da avenida Álef de Souza Cavalcante, nomeada em 2016 após abaixo-assinado de moradores no entorno do Cuca Jangurussu e organizado por coletivos de resistências juvenis. O rebatismo da rua homenageia uma das vítimas da Chacina da Messejana, protagonizada por Policiais Militares sob a gestão do ex-governador Camilo Santana, que aconteceu na madrugada de 12 de novembro de 2015 e deixou 11 mortos (quase todos jovens entre 15 e 29 anos) e, pelo menos, sete pessoas sequeladas.

Sobreviventes em territórios sob um estado de exceção permanente, as poetisas-mediadoras-de-leituras inventam rotas de fuga-criadora e escapam da “câmera sofisticada do ‘pan-óptico’” (MAFFESOLI, 2001, p. 25)

²¹ Existem atualmente cinco CUCAs em Fortaleza. Eles formam a Rede Cuca: um na Barra do Ceará, inaugurado em 2009, um no Mondubim e um no Jangurussu, ambos inaugurados em 2014; e outros dois inaugurados em 2020 e 2022, José Walter e Pici, respectivamente. Ambos são administrados pelo Instituto Cuca e mantidos pela Prefeitura de Fortaleza. Eles foram construídos em locais estratégicos, territórios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e elevado índice de homicídios entre indivíduos de 13 e 29 anos. Os Cucas são resultado das demandas das expressões dos movimentos juvenis e sociais que conseguiram construir e implementar ações de fortalecimento desta política pública na agenda governamental ainda na gestão da ex-prefeita Luizianne Lins (PT), por meio do Orçamento Participativo (OP).

que pode ser aqui representada pelas dezenas de Torres de Vigilância Comunitárias e ocupações militares distribuídas pela Cidade. A semelhança de árvores de concreto e aço, elas foram plantadas inicialmente em territórios precários [zonas do “não-ser”, conforme Fanon, 2008] e se alastrou pelos cinturões turísticos com nova estrutura, mas mantendo a mesma lógica militar: comandadas não apenas por nômades-fardados da Guarda Municipal de Fortaleza em parceria com a Polícia Militar do Ceará, mas por toda-sorte de câmeras espalhadas no perímetro de cada uma das dezenas de Torres implantadas, por meio do uso tático de drones. Ambas estruturas governadas por uma espécie de *força que separa*, uma política da inimizade que transita entre o desejo de explorar e a tentação de eliminar o ‘Outro’, em suma: a militarização não apenas da polícia e da política, mas de toda a arquitetura das relações sociais do mundo que nos foi dado a conhecer²².

Não obstante, é necessário lembrar que o controle político no Mundo Moderno-Colonial acontece por meio de elementos de múltiplas ordens que tentamos dar alguma forma, seja pela força ou por meio do exercício de torcer e remodelar. É nesse sentido, conforme Achille Mbembe (2020), que a Política pode ser vista como uma prática instrumentalizada, um trabalho de montagem, organização, modelagem e redistribuição, incluindo espacial, de conjuntos corporais vivos. Entretanto, e cada vez mais, parece que tudo é regido pela lei da espada. Os pilares fundamentais do humanismo, do “direito de gente”, parecem ruir e entramos efetivamente naquilo que o autor chama de era do Brutalismo.

A era do Brutalismo ou era computacional (MBEMBE, 2020) se caracteriza pela imbricação de diferentes figuras da razão: a econômica e instrumental; a eletrônica e digital; e a razão neurológica e biológica. O autor está convencido de que não há mais distinção entre os vivos e as máquinas ou, em suas palavras, existe uma “ligação cada vez mais estreita do humano à máquina” (MBEMBE, 2017, p. 29). Essa imbricação e, por último, essa indistinção permitem caracterizar a era computacional como um fenômeno de ordem global, não circunstancial e nem circunscrita localmente. Não obstante, o gesto mais radical é aquele que, operando sobre a indistinção entre os vivos e as máquinas, permite delimitar esse

22 Existem atualmente dez torres funcionando na Cidade. Para saber como surgiram as Torres, conferir SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento & FREITAS, Geovani Jacó de. Práticas Poéticas: juventude, violência e insegurança em Fortaleza. Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 14, n. 26, P. 129-155, 2018. Disponível em <<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/download/887/775/3299>> . Acesso em 07 de junho de 2020, às 19h09min.

tempo como uma prática de transformação e de gerência, portanto de cálculo de tudo e do todo (vivo e não vivo) por meio dos algoritmos, como sendo obsoleto, residual ou despejado. Para o filósofo, uma das questões centrais de nosso tempo é: *a civilização dará lugar a possíveis formas de vida política?*

A especificidade do presente tempo histórico, político, econômico e estrutural continua privilegiando relações de inimizade assentadas em lógicas de guerra. Principalmente uma guerra do “todos-contra-todos”. Os espíritos belicosos, intrigas, rivalidades, desconfiança, ciúmes, os movimentos de ódio e hostilidade que se alastram nas redes sociais (principalmente as da Internet, mas não só), assim como as armadilhas que as alianças trazem consigo, das quais ninguém está isento. A luta contra um “inimigo” pré-fabricado, encastelamento narcisista, instalação de cercas elétricas e câmeras de vídeos traduzem a construção social do medo sob a máscara de democracias liberais que possuem como fio condutor, conforme Achille Mbembe (2017), “viver a ferros” como norma.

Trata-se de demarcações a ferro e fogo por meio de fronteiras simbólicas e geográficas a partir da ideia de “inimigo”²³ [o corpo-poeta, o *corpo-não-artiste* e antipoeta são a própria fronteira]. Fronteira móvel, caminhante, itinerante e opaca, não mais codificada por linhas fixas, mas corpo em movimento perpétuo ainda que parado [indomável]. Trata-se aqui de entender a poeta-mediadora-de-leituras não como a representante-fugitiva, pelo contrário, chamo atenção para sua *fugitividade irrepresentável* que agarra-se nas bordas dos muros da irracionalidade [para recuperar Harney & Moten, 2013 e Fanon, 2021]. Mais que fronteiras, refiro-me a esse corpo como fronteirização.

O crime organizado e suas “facções”, com as respectivas insígnias identitárias filiativas expressas nos muros, entre becos-infinitos espalhados pelo Brasil (PCC, CV, FDN, GDE, dentre outras) é apenas uma pequena parte no interior da complexa, assimétrica e extensa rede do poder estatal e outras múltiplas soberanias²⁴. Escoriações do ferro, da madeira e da palha,

23 Importante lembrar que o princípio da filiação, conforme Édouard Glissant (2011, p. 55), está alicerçado na seguinte Lei: “ou ele é assimilado ou é aniquilado”.

24 Para a discussão sobre “Governo Privado Indireto” (Du gouvernement privé indirect), conferir Achille Mbembe (1999) e para “A era do humanismo está terminando”, acessar <<https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>> Acesso em 29 de janeiro de 2022, às 11h18min. No primeiro ano da pandemia no Brasil (entre 2020 e 2021), por exemplo, surgiram pelo menos 11 novos bilionários. Isso significa, de acordo com o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil, 33,1 milhões de brasileiras/es/os estão passando fome e mais da metade da população do país [125,2 milhões de pessoas] vivem com algum grau de insegurança alimentar.

esse poder se manifesta como *hieróglifos-da-carne*, “marcas indecifráveis no corpo”, conforme nos lembra Hortense J. Spillers (2021, p. 35 – grifo da autora) que revelam um construto histórico e retroalimentado “encontrando suas várias *substituições simbólicas* em uma eficácia de significados” que tem em determinada “forma de morte-na-vida” (MBEMBE, 2017, p. 124) o seu estandarte no negacionismo. Nomadismos em flecha, essas identidades-fechadas constituem, mantêm e reeditam determinadas relações sociais e históricas inscritas em determinados corpos-territórios. Neste caso, em específico, são coletivos-híbridos-armados [máquinas-de-guerra] a serviço dos “Donos do Poder”²⁵ em territórios *brasilis* que integram o jogo do tabuleiro compondo o que Mbembe (2020) chama de “forma-rede”, neste caso, daqueles e daquelas que direta ou indiretamente lucram com essa lógica por meio da produção, rotas, distribuição, comércio de drogas e armas – a criminalização da primeira corresponde ao não controle da segunda.

Na trama do espetáculo midiático, do superfaturamento da terceira maior indústria carcerária do mundo e da multiplicação da economia-funerária; o excedente, isto é, o corpo-combustível-enjaulado-chacinado, habitando as bordas dessa forma-rede aparecem apenas como números, estatísticas. Acumulação de cadáveres. A dívida impagável. Trata-se dos mesmos perfis: adolescentes quase crianças, jovens ainda adolescentes em sua grande maioria lidas no Brasil como pretas (negras e pardas), e residentes das margens urbanas.

A VOZ DA TERRA: o direito às mermazárias

A *po_ética das mermazárias* é abertura do mundo. Declosão: derrubada das cercas, dos muros, dos conchaves. Uma quebrada se reconhece na outra como imensidão do lugar de onde se emite a voz, o texto e o grito, mas também como o lugar da experiência do *encontro* com outras pessoas que abre caminho para uma consciência de si em nível coletivo ou de reimaginar um em-comum. O Poeta sabe que é impossível sair ileso de um encontro e que há uma multiplicidade de encontros acontecendo a todo-instante.

Rede de Afetos são emaranhadas práticas de re-existências “em

²⁵ Conf.: Raymundo Faoro (1925-2003), autor de *Os donos do poder – Formação do patronato político brasileiro* (2001 [1958]).

movimento, como um manto” ou como “a armadura de voo”. Pois há aquelas que, não obstante, correm “buscando por uma arma” e segue “correndo à busca de largá-la” (HARNEY & MOTEN, 2013, p. 19). A indecisão e insubmissão à institucionalização, descrença e insurreição contra tentativas de regulamentação “democrática” [a democracia radical é uma promessa, está sempre por vir] das manifestações artísticas por meio da coerção física e simbólica do Estado e suas instituições como “*comunidade humana*” que “*reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física*” (WEBER, 2011, p. 66, 67 - grifei) e ainda como a instância oficial, reconhecida como legítima, isto é, como detentora do monopólio da violência simbólica legítima, conforme Bourdieu (2014), as *poetas-mediadoras-de-leituras* com as suas práticas de re-existências poéticas não se limitam a lutar pela igualdade de direitos prometida pelo Estado Moderno, mais que isso, **reivindicam o direito às mermazárias.**

A Biblioteca Na'zária é essa rede de afetos, um bando que voa habitando lugares e continua a voar na intenção de abandoná-los. Não se trata aqui de doze bibliotecas, são histórias e vidas incontáveis. É a insistência sem medida a favor da vida e de uma existência diferente, um mundo diferente sobre a única Terra que herdamos e que é de todo vivente por direito.

A palavra aberta, o livro-aberto, as bibliotecas na'zária são corpos em permanente combate, um devir-ilimitado de encontros.

NÃO HÁ COMEÇOS ABSOLUTOS. HÁ TODO-INSTANTE UM AO LONGO QUE
FLUI POR TODOS LADOS, COMO ÁGUAS DOCES E SALGADAS POSSIBILITANDO
CAMINHOS, IMPREVISIBILIDADES

SOMOS ÁGUA E A PRÓPRIA FRONTEIRA

PRECISAMOS INTERROGAR O ESPANTO E A NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS

GOLPEAR IMAGENS SEM RECUAR

SE OPOR AO PENSAMENTO DO “EU-MENOS-O-OUTRO”

TODA FORMA DE CANCELAMENTO É COLONIALISTA. FIGURA COMPLEXOS E

FISSURAS NARCISISTAS, INCLUSIVE, HIPÓCRITA, LEGALISTA E NEGACIONISTA.
ANTÍPODAS DA GENEALOGIA DA MORAL

A TENTAÇÃO DE SER MODELO/REPRESENTANTE NASCE DO DESEJO DE
SOBERANIA E NÃO DA VONTADE DE POTÊNCIA

A DEMOCRACIA DE ESCRAVOS MUDA PROVISORIAMENTE OS LUGARES DE
PODER, CONTANTO QUE MANTENHA-SE A RELAÇÃO, ISTO É, SUA LÓGICA DE
FUNCIONAMENTO: VERTICAL, HORIZONTAL, SELETIVO E DESIGUAL

HABITO O AVESSO, CAMINHOS ÍNGREMES E QUENTES DO CAOS, ESPIRAIS-
ENCRUZILHADAS QUE NÃO SE DEIXA NOMEAR

O SERVIÇAL DO INTERIOR DA CASA-GRANDE, AO APRENDER E ADENTRAR
OUTROS CÓDIGOS DE LINGUAGEM E CONDUTA, INCORRE NA POSSIBILIDADE
DE NUTRIR O AUTO-ÓDIO: O SOBREVIVENTE DA CASAGRANDE NÃO SOMENTE
DESEJA A ELIMINAÇÃO DO OUTRO, ELE TEM PRAZER EM VÊ-LO SUCUMBIR

AS POLÍTICAS DO ÓDIO, DO MEDO E DO TERROR CIRCULAM NA E ENTRE A
PLANTATION, A SENZALA E A CASA-GRANDE. TOMA FORMAS E CONTORNOS
DISTINTOS E SIMILARES. A REPETIÇÃO E O MESMO

NESSA ANTIECONOMIA, POR NÃO PARTICIPAR EFETIVAMENTE DE NENHUM
TIPO DE HUMANIDADE, ELE INSISTE, ELE BAJULA, MAS SEU FIM É O AÇOITE, A
HUMILHAÇÃO E A PROMESSA DE UMA RECOMPENSA ADIADA. TALVEZ EM OUTRA
VIDA JUNTO AO ONIPOTENTE, ONIPRESENTE E ONISCIENTE

O PEDAGOGO DA CASA-GRANDE QUE É UM CATECISTA-BANCÁRIO, POR SUA
VEZ, DISPUTA CERTO REGIME DE VERDADE, CANCELA E REPLICA O CANCELADOR,
REIVINDICA SER O MILITANTE-ISENTÃO QUE JÁ LEU PAULO FREIRE, MAS SÓ
CONSEGUE TECER UMA CRÍTICA NA DISPUTA POR OUTRA ECONOMIA: A DO
LUCRO-SILENCIOSO

O SOBERANO É BRANCO. ELE PERFORMA UM MUNDO-PRETO E ALIMENTA-SE DE
SUA CRIAÇÃO

DESPISTADOR E INVENTIVO, CADA CORPA-DANÇANTE E CORPO-NEGRO É UM QUILOMBO. SOMOS A PRÓPRIA FUGA, A PRÓPRIA DANÇA. FUMAÇA E CINZAS. NÃO SOMOS, ESTAMOS SENDO. SER-SENDO. DAR-COM.

REVERÊNCIA A TODA FORMA DE AQUILOMBAMENTO-CRIADOR. BEATRIZ NASCIMENTO E UMA MULTIDÃO ESCREVE COMIGO.

“QUE TODOS VIVAM O GRANDE CONCLAVE QUE É A TERRA. O GRANDE CONSELHO QUE É A TERRA”

É NA FRAGILIDADE DE TODOS E DO TUDO QUE HABITA A RELAÇÃO E O POSSÍVEL, O INVENTIVO E O TRANSGRESSOR.

GARGALHAMOS.

“[...] Onilé, orixá da Terra, receberia mais presentes que os outros. Deveria ter oferendas dos vivos e dos mortos, pois na Terra também repousam os corpos dos que já não vivem”²⁶

26
p. 414.

“Onilé ganha o governo da Terra”. PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001,

REFERÊNCIAS

BEATRIZ NASCIMENTO, Maria. **Orí**. Documentário dirigido por Raquel Gerber, roteiro, texto e narração de Beatriz Nascimento. Lançamento: 1989. Duração: 91 minutos, Brasil.

___. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**: cursos no Collège de France (1989–1992). Tradução: Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da Recordação e outros Movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

___. **Os condenados da Terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

___. **Por uma revolução africana**: textos políticos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Editora Globo, 2001.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. Tradução: Amilcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. – 47ª ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo & MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 9ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. **O pensamento do Tremor. La Cohée du Lamentin**. Tradução: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard, 2014.

____. **Poética da Relação**. Tradução: Manuela Ribeiro Sanches. Portugal: Porto, 2011.

____. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. - Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HARNEY, Stefano & MOTEN, Fred. **The Undercommons**: fugitive planning & black study. New York/Brooklyn. Oxford University Press, 2013.

II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: **II VIGISAN : relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar** – PENSSAN. -- São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert : Rede PENSSAN, 2022.

INSTITUTO CUCA. **Estatuto Consolidado do Instituto de Cultura, Arte, Ciência e Esporte**. Fortaleza (CE), 2014.

INSTITUTO CUCA. **Projeto Concepção e Desenvolvimento do Cuca** – Parte 1. Fortaleza (CE), 2007.

INSTITUTO CUCA. **Protocolo de Funcionamento da Diretoria de Promoção de Direitos Humanos (PDH)**. Fortaleza: Comissão de Direitos Humanos e Proteção Social, 2014.

MACIEL, T. W. N.; ALENCAR, C. N. de; SOUSA, A. O. de B. Entextualizações em eventos de letramentos de arte e reexistência das juventudes: ressignificar para reexistir em contextos periféricos. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s.l.], v. 10, p. 651-676, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/558>>. Acesso em: 03 maio 2021, às 14h52min.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

___. **Políticas da Inimizade.** Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

___. **Brutalisme.** Paris: La Découverte, 2020.

___. Du gouvernement privé indirect. **Politique africaine** nº 73 – mars 1999, p. 103-121. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-politique-africaine-1999-1-page-103.htm>> Acesso em 22 de dezembro de 2018, às 16h47min.

NANCY, Jean-Luc. **A Declosão (Desconstrução do Cristianismo, 1).** Tradução de Andreia Carvalho, André Mendes, Bruno Padilha e Fernanda Bernardo. Coimbra: Palimage, 2016.

NASCIMENTO SILVA, Francisco Rômulo do. **Rede de Afetos:** práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE). 212 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual do Ceará, 2019.

PRANDI, Reginaldo. “Onilé ganha o governo da Terra”. In: **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 414.

SANTOS SILVA, Bruna. **“Toda periferia é um centro!”:** cartografia do jogo de linguagem sarau Okupação. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, 2020.

SEMENSARO, C. A. G., & BARBALHO, A. A. (2021). A Lei Aldir Blanc como política de emergência à cultura e como estímulo ao SNC. **Políticas Culturais Em Revista**, 14(1), 85–108. Disponível em <<https://doi.org/10.9771/pcr.v14i1.42565>> Acesso em 22 de maio de 2022, às 18h46.

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento. & FREITAS, Geovani Jacó de. Toda Periferia é um Centro. **Revista Desenvolvimento Social**, Vol. 26, n. 1, p. 144-168, jan/jun, 2020a. PPGDS/Unimontes-MG. Disponível em <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/3266>>. Acesso em 10 de mai. 2021 às 03h45min.

___. Práticas de re-existências poéticas: a poesia no “busão” em Fortaleza (CE). **INTERSEÇÕES** [Rio de Janeiro] v. 22 n. 1, p. 97-123, mai. 2020b. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/51166>> Acesso em 17 de jun. 2021 às 13h23min.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência**: culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2009.

SPILLERS, Hortense J. *et al.* **Pensamento Negro Radical**: antologia de ensaios. Organizado por Clara Barzaghi, Stella Z. Paterniani, André Arias; Traduzido por Allan K. Pereira... [et al]. – São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N-1 Edições, 2021.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 18ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2011.